

Novo 2º Grau pronto para começar

Joarez Rodrigues/EM

O ministro Paulo Renato, da Educação, pretende que as escolas tenham as disciplinas profissionalizantes já no próximo ano

O estudante que entrar no 2º grau no próximo ano poderá, se quiser, fazer o curso no novo modelo mais profissionalizante apresentado pelo Ministério da Educação (MEC) na sexta-feira. Amanhã, o ministro Paulo Renato Souza leva a proposta ao Conselho Federal de Educação para que, em agosto, a discussão já esteja nos estados. A partir daí, só dependerá da agilidade dos conselhos estaduais e de cada escola para implementar a mudança em 1998.

“Uma das maiores preocupações desse projeto é tentar reverter o desinteresse dos alunos de 2º grau pelos estudos. O índice de repetência está alto e, pelos dados que temos, a tendência é aumentar. Essa nova fórmula é um passo para tentar reverter isso”, confia Paulo Renato.

O professor Márcio Pochmann, do Centro de Estudos e Economia do Trabalho (Cesit), da Unicamp, alerta que governos estaduais e prefeituras deverão ter visão de futuro para garantir que os secundaristas tenham à sua disposição um currículo profissionalizante adequado ao mercado de trabalho. As disciplinas opcionais, cujo objetivo é oferecer profissionalização nessa etapa do ensino, deverão corresponder a 25% da carga horária.

“Até agora, o Brasil deixou para as universidades a tarefa de preparar as pessoas para o mercado de trabalho. A iniciativa de profissionalizar o Segundo Grau é muito positiva, mas sua implantação é difícil”, analisa Pochmann.

PROFISSIONAIS

Paulo Renato acredita que as mudanças vão também acabar com os “estudantes profissionais de universidades”, aqueles que passam anos repetindo ou trocando de cursos, porque chegam na universidade sem saber o que querem. “Eles terão a oportunidade de fazer isso no 2º Grau”, confia o ministro.

Um dos objetivos da mudança é aumentar as opções para os jovens e atender melhor às suas aspirações de carreira. “Verificamos que o nível de aprendizagem dos alunos do Segundo grau é muito baixo. A quantidade de conhecimento que se acrescenta no 2º grau é muito pequena. A reforma visa a garantir o objetivo do 2º grau, que é a educação geral, e de outro lado permitir que o aluno possa dar continuidade à sua vida, na universidade e no mercado de trabalho”, explicou o ministro.

Para Pochmann, o problema será acertar na escolha das disciplinas, já que a própria movimentação do mercado de trabalho dá sinais opostos às orientações dos analistas. “Ao mesmo tempo em que se incita à população economicamente ativa a estudar e se especializar, o que se vê é uma expansão da oferta de empregos nas áreas que não necessitam disso, como limpeza, segurança e transporte. Outro indicador contraditório é a ida de empresas para o Nordeste, onde a mão-de-obra é menos qualificada”, lembra o professor.

PARCERIA

O ministro explica que a realização de convênios e parcerias com escolas especializadas pode facilitar a implantação dos cursos opcionais no 2º grau. “Uma escola que ofereça, por exemplo, a opção na área da computação poderá fazer um convênio com uma escola de informática”, sugeriu.

Para viabilizar a mudança, o MEC estudou o 2º grau em todo o mundo. Na França, a formação é mais acadêmica, preparatória para as universidades. Na Alemanha, ao completar 15 anos, o aluno tem que fazer uma opção definitiva: ou segue curso profissionalizante ou outro que o levará à universidade. Nos Estados Unidos, algumas escolas estão adotando um sistema misto, como o proposto por Paulo Renato.